

O indisciplinado patológico em Augusto Cury: uma análise da discursividade de autoajuda para educadores¹

The pathological undisciplined in Augusto Cury: an analysis of self-improvement discursiveness for educators

Dimitrius Gonçalves Machado²

Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

dimigm13@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo analisar o transbordamento da literatura de autoajuda na Educação e compreender, a partir de obras do Augusto Cury, a discursividade que circula e produz uma categorização do indivíduo indisciplinado na escola atual. Para esta análise, me alio aos estudos foucaultianos e busco por relações de saber e poder que conduzam a práticas de divisão ao categorizar certos indivíduos como indisciplinados e não outros, bem como as redes discursivas que sustentam a atualização deste modo de visibilidade. Focalizando as discursividades presentes nas obras de Cury pude elaborar o eixo de análise, que apresenta maneiras de compreender distúrbios da mente, como central para a categorização: o indisciplinado patológico. Com esse eixo produzi três divisões argumentativas: Causas, Gestão e resolução e Características. Assim, o indisciplinado patológico é produzido por enunciações que o reconhecem a partir de características de distúrbios da mente e das condutas, Síndrome do Pensamento Acelerado, excesso de cansaço, irritabilidade, ansiedade, fadiga e informações além da capacidade de processamento cerebral. A causa é uma sociedade patologizante, uma sociedade que produz doenças. A solução são ações educativas que ensinem cada um a cuidar de si mesmos, uma individualização e divisão de si e do fora. Uma necessidade de gestão de si mesmo com ferramentas vistas como adequadas, é com elas que os educadores precisam, então, estar atentos ao olhar que examina, percebe e dispõe as ferramentas corretas para a autogestão da mente e das emoções. Desse modo, busco contribuir tanto para as discussões sobre a proliferação da autoajuda na Educação quanto propondo elementos que ajudem a desnaturalizar o modo que se categoriza um indivíduo como indisciplinado.

Palavras-chave: Indisciplinado; Estudos Foucaultianos; Autoajuda; Augusto Cury.

ABSTRACT: This article aims to analyze the overflow of self-improvement literature in Education and to understand, based on Augusto Cury's pieces of work, the discursiveness that circulates and produces a categorization of the

¹ O estudo apresentado neste artigo foi produzido a partir da minha dissertação intitulada *A categorização do indisciplinado na escola atual: uma análise a partir do transbordamento de autoajuda na educação* (MACHADO, 2020), como bolsista CAPES e orientado pela professora doutora Maria Lúcia Castagna Wortmann. Nela construí como resultado dois eixos de categorização do indivíduo indisciplinado na escola: indisciplinado patológico e indisciplinado incompetente, tratarei neste texto apenas do primeiro.

² Mestre em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul na linha de Estudos Culturais em Educação com bolsa CAPES. Licenciando em Filosofia na UNINTER. Licenciado em Música no Centro Universitário Metodista IPA.

undisciplined subject in today's school. For this analysis, I align with Foucauldian studies and look for relations of knowledge and power that lead to division practices by categorizing specific individuals as undisciplined and not others. I also looked at the discursive networks that support the update of this mode of visibility. Focusing on the discursivities present in Cury's writings, I elaborated the axis of analysis that presents ways of understanding disturbances of the mind as central to the categorization: the pathological undisciplined. With this axis, I produced three argumentative divisions: Causes, Management and resolution and Characteristics. Thus, the pathological undisciplined is produced by utterances that recognize it from characteristics of disturbances of the mind and behavior, Accelerated Thinking Syndrome, excessive tiredness, irritability, anxiety, fatigue, and information beyond the brain's processing capacity. The cause is a pathologizing society, a society that produces disease. The solution is educational actions that teach each one to take care of themselves, individualization and division of themselves and the outside. A need to manage oneself with tools seen as adequate is what educators need to be attentive to, the gaze that examines, perceives, and has the correct tools for self-management of the mind and emotions. In this way, I seek to contribute to both: the discussions about the proliferation of self-improvement in Education and to propose elements that help to denaturalize how an individual is categorized as undisciplined.

Keywords: Undisciplined; Foucauldian studies; Self-improvement; Augusto Cury.

Introdução

Dois problemas são cada dia mais atuais neste Brasil que vivemos quando pesquisamos com Foucault, problemas que penso funcionarem como pano de fundo para a elaboração deste texto. Um deles já bastante conhecido por quem trabalha com o autor, a governamentalidade, e o outro, em parte negligenciado por quem vem pesquisando nessa perspectiva, a governabilidade. Os motivos de considerar esses problemas cada dia mais atuais não cabem na proposta deste texto, mas apontar para eles me parece relevante, sobretudo porque considero que, desde a Modernidade, e possibilitando que ela exista, a Escola atravessa essas questões ao se tornar gradualmente a instituição disciplinar central para a produção de sujeitos governáveis. Delimito que compreendo a noção de sujeito, por dentro do estudos foucaultianos, não como um ente criador e ponto de partida e sim como produto de relações singulares de poder, saber e ética (VEIGA-NETO, 2016). Assim, focalizo a Escola não para compreender seu interior, mas observar como a problemática de uma crise de governamentalidade atual vem produzindo transbordamentos que penetram e disputam uma ressignificação das práticas escolares em vias de dar conta de governamentos nas práticas escolares.

Ao olhar para os exercícios de condução dos indivíduos por eles mesmos, as antropotécnicas, Dora Marín-Díaz (2012) nos ajuda a pensar na produção do Eu, cada dia mais naturalizada e valorizada para afirmar quem se é e parte de um processo histórico de crescente individualização. Noção essencial para o eixo de governo de si e parte importante dos processo de governamentalização: "A individualização, portanto, pode ser descrita como esse processo de identificação permanente através do qual, nos últimos séculos, temos tentado consolidar essa forma de interioridade que denominamos eu, em meio a importantes transformações na organização das sociedades modernas." (MARÍN-DÍAZ, 2012, p. 105). É também parte desse processo uma série de exercícios que produziram e foram produzidos por disciplinas e saberes que gradualmente emergiram dos saberes psis (psicologia, psiquiatria etc.), bem como, por exemplo, objetos sociológicos que articulam-se na noção de público-privado e de sociedade-sujeito. A expansão, sobretudo a partir do século XVIII, do "reconhecimento" e fixação de quem se é "mesmo", uma suposta essência de cada indivíduo para que possa, assim, ser livre e – como podemos ver enfaticamente no objeto deste estudo – protagonista de sua própria história. É nesse ponto que surge com força, a partir do século XIX e se estabelecendo no século XX, a literatura conhecida como de autoajuda e que toma cada vez maior espaço nessa articulação de fixação de si mesmo com a

busca por como conduzir a si mesmo frente aos problemas cada vez mais complexos do mundo.

Há ainda outro elemento a ser apontado acerca da autoajuda antes de apontar para o transbordamento que objetivo: o caráter pedagógico.

os discursos de autoajuda são considerados como discursos pedagógicos, porque são usados para modificar a conduta dos indivíduos pela ação que cada um realiza sobre si mesmo. [...] Desse modo, os livros de autoajuda, tanto quanto os discursos educativos institucionalizados, ainda que díspares nas suas condições de produção, na sua aceitação e no seu reconhecimento pelas comunidades acadêmicas e científicas, permitem perceber o funcionamento de práticas dirigidas para o autogoverno, isto é, para a condução da própria conduta, evidenciando um privilégio nas práticas de individualização que, parece-me, orienta as ações formativas contemporâneas (MARÍN-DIAZ, 2012, p. 19-20).

Esse aspecto corrobora também o que dizem Arnosti, Neto e Benites (2019), em sua pesquisa sobre a influência da autoajuda no trabalho docente:

se os primeiros livros de autoajuda incentivavam os trabalhadores a fazerem algo para elevar seu status nos sistemas fabris, para lidarem com as possibilidades que se abriam na sociedade capitalista-industrial, hoje a LA [literatura de autoajuda], no âmbito da educação parece estar voltada à resolução de um dos problemas centrais que acomete o ensino do século XXI: os desafios para lidar com os próprios alunos, com os conflitos que são inerentes a essa relação, com a pluralidade de culturas presente na sala de aula, a qual se alavancou a partir do momento em que a educação se torna um direito para todos e um dever do Estado (p. 437).

Desse modo, meu foco se coloca não apenas nas práticas pedagógicas presentes na autoajuda, mas como paulatinamente as produções da literatura de autoajuda voltaram-se ao campo educacional diretamente. As pesquisas de Carine Winck Lopes (2012; 2016) são exemplares nessa questão ao apontarem para uma firme presença de obras de autoajuda não só nas leituras de estudantes do curso de Pedagogia como também sendo indicadas por professores da área da Educação durante o processo formativo.

Uma articulação me interessa em particular: ao fixar a mim mesmo por práticas específicas de condução de si, que modo eu categorizo o outro para saber como conduzi-lo? Dito de outro modo, que maneira eu reconheço quem deve ou não deve ser conduzido desta ou daquela maneira ao ser subjetivado por discursividades de autoajuda na atualidade? Há ainda algo mais pontual que é o que vem movimentando minhas pesquisas: a indisciplina, ou mais precisamente, o indisciplinado. É dessa maneira que o objetivo deste estudo é

compreender que categorização do indivíduo indisciplinado na escola é produzida a partir da discursividade presente na literatura de autoajuda, tomando como discursividade exemplar as obras do Augusto Cury, escolha que será pormenorizada na seção seguinte.

Bases e caminhos

Penso que, principalmente, olhar como uma prática divisora de categorização é produzida discursivamente nos serve para estranhar o naturalizado. Como nos diz Popkewitz (2008, p. 199): "Quando se faz as ações dos indivíduos aparecer como naturais, existe uma tendência a perder de vista a forma como agendas e categorias que definem oposições são historicamente formadas. Os sistemas de relevância são tomados como dados". Foi do meu incômodo com a forma que eu percebia a circulação de discursos sobre a disciplina como algo pouco questionado acerca do que leva um aluno a ser visto desse modo e, mais, de que maneira resolver a problemática indisciplina que algumas direções para caminhar apareceram para mim.

É importante observar que, para o estabelecimento da maquinaria escolar (VARELA; ALVAREZ-URÍA, 1992), foi necessário tanto estabelecer quem frequentaria tal espaço quanto quem e com que saberes ali se atuaria; é dessa maneira que pouco a pouco se delimitou ordens discursivas com barreiras pertinentes aos movimentos de inclusão e exclusão do discurso educacional. Portanto, entendo como transbordamento o "alargamento para além das fronteiras disciplinares, ou de área de atuação, de determinado discurso" (MACHADO, 2020, p. 48) e, neste caso, o transbordamento da literatura de autoajuda na Educação.

Ao me debruçar sobre essa questão, um parâmetro foi crucial para a delimitação do objeto de análise: a circulação. Augusto Cury já teve suas obras publicadas em mais de 70 países e vendidos mais de 30 milhões de exemplares de seus livros³, sendo um dos autores mais vendidos no Brasil nas últimas décadas.

Entretanto, mesmo focando nas obras do Augusto Cury selecionadas, não o analiso como um autor-inventor, que instaura discursos que precisam ser vistos em sua interioridade documental, mas sim na exterioridade monumental. Compreendo autor como parte de um

³ Informações em: <<http://www.augustocury.com.br/>>. Acesso em: 10 ago. 2021.

princípio de rarefação e dispersão discursiva, como Foucault (1996) aponta em sua aula *A ordem do discurso*,

O autor não entendido [...] como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência. [...] pede-se que o autor preste contas da unidade de texto posta sob seu nome; pede-se-lhe que revele, ou ao menos sustente, o sentido oculto que os atravessa; pede-se-lhe que os articule com sua vida pessoal e suas experiências vividas, com a história real que os viu nascer (p. 26-29).

Deste modo, utilizo o autor não como uma consciência discursante, e sim como uma exemplaridade para analisar as condições que, conseguindo aderir às regras de aceitação que o precede, consegue sustentar as enunciações que são canalizadas em suas obras e atentar-me à emergência de uma categorização do indisciplinado atual presente nessas produções. Como Foucault aponta em seu texto "Nietzsche, a genealogia e a história",

A emergência é [...] a entrada em cena das forças; é sua interrupção, o salto pelo qual elas passam dos bastidores para o teatro, cada uma com seu vigor e sua juventude. [...] Ninguém é [...] responsável por uma emergência; ninguém pode se autoglorificar por ela; ela sempre se produz no interstício (FOUCAULT, 2019, p. 67-68).

Preciso ressaltar que, durante toda minha pesquisa, a articulação do que venho apresentando e os dispositivos de segurança se mostraram mais e mais recorrentes. A discursividade em torno da segurança e, articuladamente, com o risco é presente de uma forma bastante intensa. Focando nas condutas e no governo da vida, Cury se movimenta no exercício de biopoder que podemos compreender na esteira do que Foucault (2008b), no curso *Segurança, território e população*, denota como a necessidade de cuidar e multiplicar a possibilidade da vida da população. É útil ressaltar a força que as ciências terapêuticas constroem com a noção de risco, também fundamental para articular-se com a Educação. Articulação essa que Foucault (2008b) nos ajuda a entender quando diz que

A disciplina é essencialmente centrípeta. Quero dizer que a disciplina funciona na medida em que isola um espaço, determina um segmento. A disciplina concentra, centra, encerra. O primeiro gesto da disciplina é, de fato, circunscrever um espaço no qual seu poder e os mecanismos do seu poder funcionarão plenamente e sem limites. [...] Em vez disso, vocês vêem que os dispositivos de segurança [...] são o contrário, tendem perpetuamente a ampliar, são centrífugos. Novos elementos são o tempo todo integrados, integra-se a produção, a psicologia, os comportamentos, as maneiras de fazer dos produtores, dos compradores, dos consumidores, dos

importadores, dos exportadores, integra-se o mercado mundial. Trata-se portanto de organizar ou, em todo caso, de deixar circuitos cada vez mais amplos se desenvolverem. Em segundo lugar, segunda grande diferença: a disciplina, por definição, regulamenta tudo. A disciplina não deixa escapar nada. Não só ela não permite o *laissez-faire*, mas seu princípio é que até as coisas mais ínfimas não devem ser deixadas entregues a si mesmas (p. 58-59).

Enquanto a disciplina se preocupa em impedir certas coisas para se apropriar, moldar e produzir outras, de acordo com uma necessidade de projeto ideal, a segurança deixa fazer para, assim, conhecendo como é feito e a média geral do que e como é feito, poder tratar e corrigir. Como destacou Foucault (2008b, p. 63-64),

Um dispositivo de segurança só poderá funcionar bem [...] justamente se lhe for dado certa coisa que é a liberdade, no sentido moderno que ela adquire no século XVIII: não mais as franquias e os privilégios vinculados a uma pessoa, mas a possibilidade de movimento, de deslocamento, processo de circulação tanto das pessoas como das coisas. E é essa liberdade de circulação, no sentido lato do termo, é essa faculdade de circulação que devemos entender, penso eu, pela palavra liberdade, e compreendê-la como sendo uma das faces, um dos aspectos, uma das dimensões da implantação dos dispositivos de segurança.

Com isso, os procedimentos e tecnologias para maximizar as forças dos corpos, agora corpos-vida, destacam diferenças que podemos ver muito menos como uma imposição da norma e mais como a conformação e regulação a partir do normal. Normal esse não tanto inventado e idealizado, mas percebido a partir da média, das estatísticas da população.

Em busca de delimitar as obras, busquei no site do autor e nos sites das editoras em que ele publicou os resumos de seus livros e fui gradualmente reduzindo as possibilidades a partir de dois critérios: serem direcionados para a área da Educação – pais e professores, como o autor comumente diz – e tematizarem a indisciplina de algum modo. Assim, o *corpus* analítico foi estabelecido com quatro obras: *Pais brilhantes, professores fascinantes* (2018a); *Filhos brilhantes, alunos fascinantes* (2015); *20 regras de ouro para educar filhos e alunos* (2017) e *Socorro, meu filho não tem limites!* (2018b). Dessas, fiz uma leitura completa e atenta, produzindo anotações gerais de tudo o que chamava atenção. Com isso, elaborei anotações em documento *Word* junto da indicação do nome da obra e página, colocando os excertos em sequência separados apenas por ponto e vírgula. Num próximo momento passei a ler e reler apenas a sequência de excertos para que recorrências surgissem e possibilitassem relações e delimitações a partir das recorrências e, assim, criar divisões analíticas. Por fim, surgiram três categorias e a criação de respectivos quadros: (1) O que diz Augusto Cury sobre o sistema educacional contemporâneo? (2) O indisciplinado patológico e (3) O indisciplinado

incompetente. Apenas o indisciplinado patológico será discutido neste artigo, sendo ele abordado em três divisões argumentativas: *Causas, Gestão e resolução* e *Características*.

Falta ainda delimitar algo que entendo como de crucial importância para quem se movimenta em caminhos tão movediços como os da análise discursiva de inspiração foucaultiana, bem como nos estudos foucaultianos de uma maneira geral, que é delimitar com qual domínio de Foucault se está lidando. Ao invés de dividir por métodos ou temas, compreender a partir de modos de problematização nos coloca a pensar em domínios de Ser-saber, modo de nos tornarmos sujeitos de conhecimentos, Ser-poder, como sujeitos de ação, e Ser-consigo, como sujeitos constituídos pela moral (VEIGA-NETO, 2000; 2016). Dito isso, deixo marcado que lidarei centralmente com o domínio do Ser-poder ao atentar-me para as práticas de articulação de saber e poder que produzem um modo de categorização do indisciplinado específico a essas relações de poder, sobretudo aos modos de enxergar a disciplina do Foucault de *Vigiar e Punir* (2014) e inspirações no tipo de análise discursiva em *A ordem do discurso* (1996). Retomo, por fim deste breve relato metodológico, a diferenciação entre governamentalidade e governabilidade. Tomo governamentalidade como um conjunto de técnicas, mecanismos e processos para conduzir as condutas de uma população por meio de uma dobradiça entre o modo de ser governado, de governar os outros e governar a si mesmo (FOUCAULT, 2005; 2008b), bem como sigo na esteira de Chamayou (2020) para pensar a governabilidade, algo que tangencia meu olhar para a pesquisa atualmente, como a possibilidade de governar de determinada maneira.

O indisciplinado patológico

Ao focar não na indisciplina, mas no indisciplinado, busco agir por um deslocamento em relação da maior parte das pesquisas que vêm sendo produzidas ao não olhar para as ações indisciplinadas de maneira universalizante e como lidar com elas na prática docente, e sim como um ou outro estudante é posicionado como indisciplinado (AQUINO, 1998; 2011; 2016). É, deste modo, muito mais uma questão de exame, da visibilidade que busca encaixar o indivíduo em uma norma escolar, em sua normalidade ou anormalidade. Jorge Larrosa (2008), no capítulo intitulado "Tecnologias do Eu e Educação" no livro *O sujeito da educação*, nos ajuda a pensar sobre esse ponto ao dizer que "A distribuição histórica do que se vê e do que se oculta vai em paralelo com a distribuição do que se diz e do que se cala" (p.

65). Ainda, apoiando-se em Foucault, diz que "O discurso da pedagogia tal como é tratado em *Vigiar e Punir*, sobretudo em relação a esse aparato ao mesmo tempo ótico e enunciativo que é o exame, constitui simultaneamente a subjetividade do professor e a do aluno" (p. 67, grifo do autor). É por esse caminho que compreendo um entrelaçamento, uma rede, que é tanto discursiva quanto não discursiva simultaneamente, que produz discurso ao olhar e produz olhares com discurso. É nesse sentido que o exame é produzido, sustentado e renovado constantemente a partir de discursividades que subjetivam de modos específicos.

Há, entretanto, uma intensa discussão atual entre modos de subjetivação escolares que soam conflitantes: uma de continuidade disciplinar e outra, em ascensão, que se movimenta a partir da racionalidade neoliberal. Importante salientar que compreendo como racionalidade neoliberal não uma ideologia ou sistema econômico, e sim, na esteira de Foucault (2008a), bem como de Dardot e Laval (2016), um modo de existência que tem como modelo a forma empresa, produzindo a todos como empresários de si mesmo e colocando a concorrência como um imperativo permanente. Como a maioria das questões foucaultianas, não há uma substituição da forma disciplinar para a neoliberal ao se produzir Escola, mas encaixes, articulações, disputas entre um sujeito que precisa se submeter a formulações disciplinares e outro que não pode se submeter e sim produzir a si mesmo o tempo todo para melhor desempenho.

Ao criar um eixo que estipula a noção de patologia como central é importante delimitar que Augusto Cury é psiquiatra, sua formação, experiência e a posição de legitimidade que ele se coloca ao falar sobre e para a área da Educação se sustenta na psiquiatria como saber privilegiado sobre as condutas. Miller e Rose (2012), no livro *Governando o presente*, que trata da governamentalidade e do biopoder, nos dão boas pistas sobre como pensar esse tema quando discutem o aumento da proliferação de profissionais que buscam assumir uma cientificidade pragmática relativa à questão da conduta humana a partir do século XX e com ainda mais força após a Segunda Guerra Mundial. Podemos olhar para essas noções como parte de um momento de emergência das ciências que objetivam o humano e que intentam conhecer cada vez mais aqueles que precisam ser governados.

Dito isso, sigo para a primeira divisão argumentativa: *Causas*.

A televisão mostra mais de sessenta personagens por hora com as mais diferentes características de personalidade. Policiais irreverentes, bandidos destemidos, pessoas divertidas. Essas imagens são registradas na memória e competem com a imagem dos pais e professores. Os resultados inconscientes disso são graves. Os educadores perdem a capacidade de influenciar o mundo psíquico dos jovens. Seus gestos e palavras não têm impactos

emocionais e, conseqüentemente, não sofrem um arquivamento privilegiado capaz de produzir milhares de outras emoções e pensamentos que estimulem o desenvolvimento da inteligência. Frequentemente os educadores precisam gritar para obter o mínimo de atenção (CURY, 2018a, p. 58-59).

A maior consequência do excesso de estímulos da TV é contribuir para gerar a síndrome do pensamento acelerado, SPA. Nunca deveríamos ter mexido na caixa preta da inteligência, que é a construção de pensamentos, mas, infelizmente, mexemos. A velocidade dos pensamentos não poderia ser aumentada cronicamente. Caso contrário, ocorreriam uma diminuição da concentração e um aumento da ansiedade. É exatamente isso que está acontecendo com os jovens (CURY, 2018a, p. 59).

Nos atentemos que essa maneira de olhar esse aluno indisciplinado que precisa ser corrigido é apresentada como algo absolutamente patológico e é a partir daí que a correção, segundo Cury, precisa atuar, caso contrário, a educação seguirá sem sucesso algum. Há uma constante elaboração de nomenclaturas e siglas para síndromes que se fundamentam não em problemas genéticos, neuronais ou demais fatores biológicos que podemos ver tão recorrentemente. Aqui a questão é outra. A SPA por exemplo, Síndrome do Pensamento Acelerado, é produzida por um excesso de estímulos e informações. A televisão é apontada como o maior difusor de informação e causador de um excessivo estímulo. Considero relevante pensarmos que este livro, *Pais brilhantes, professores fascinantes*, é de 2003, muito provavelmente hoje seria, e assim é nos últimos livros do autor, focado em celulares, tablets e relações com a internet, mas busco trazer o seguimento de suas enunciações das quatro obras.

Quais são as causas da SPA? A primeira [...] é o excesso de estímulo visual e sonoro produzido pela TV, e que atinge frontalmente o território da emoção. Notem que não estou falando da qualidade do conteúdo da TV, mas do excesso de estímulos, sejam eles bons ou péssimos. A segunda é o excesso de informações. Em terceiro lugar, a paranoia do consumo e da estética, que dificulta a interiorização (CURY, 2018a, p. 61).

Nesse excerto vemos que Cury amplia suas postulações ao introduzir a preocupação com a estética e destaca que a interiorização é a mais importante entre as questões que precisam ser levadas em conta. Trata-se de uma individualização, de um Eu que faz por si e para si. Os educadores precisam contribuir para que esse seja capaz de ser equilibrado em seus pensamentos, saiba administrá-los, geri-los de maneira adequada, para que se formem sem excessos. As questões externas a si, políticas, sociais, são pouco importantes, como podemos ver no próximo excerto:

O maior vilão da qualidade de vida do homem moderno não é seu trabalho, nem a competição, a carga horária excessiva ou as pressões sociais, mas o excesso de pensamentos (CURY, 2018a, p. 61).

A individualização é não somente creditada, impulsionada, requisitada, mas também é articulada a uma certa maneira de reconhecer outros que não a si como desnecessários. Para o funcionamento dos argumentos dessa causalidade é preciso que uma visão política precise ser desacreditada. Não estou tratando aqui de nenhum tipo de ataque ao autor, mas tentando lidar com essa questão relacional, essa questão de alteridade envolvida no trabalho, a competição, a carga horária, as pressões sociais, tudo isso é disposto nos escritos analisados como pouco importante. O vilão reside unicamente em si, neste Eu que, com uma sociedade doente, tem pensamentos excessivos e emoções com gastos de "energia inúteis", como diz o autor em outros momentos. É sobre esse Eu, nas condutas desse indivíduo, que não foi capaz, ainda, ou é mesmo incapaz, que deve agir o manejo educativo.

Na segunda divisão argumentativa, *Gestão e resolução*, olho para a discursividade acerca de como se deve agir sobre esse indisciplinado patológico.

Bons professores corrigem os comportamentos agressivos dos alunos. Professores fascinantes resolvem conflitos em sala de aula. Entre corrigir comportamentos e resolver conflitos em sala de aula há uma distância maior do que imagina a nossa nobre educação (CURY, 2018a, p. 75).

procure não dar uma lição de moral em quem foi agressivo. Este procedimento é usado desde a idade da pedra, e não é eficaz, não gera um momento educacional, pois a emoção do agressor está tensa, e sua inteligência, obstruída (CURY, 2018a, p. 76).

O que fazer? [...] Encante sua classe com gestos inesperados. Surpreenda seus alunos. Assim você irá resolver conflitos em sala de aula? Como? Leve-os a pensar, a mergulhar dentro de si mesmos, a se confrontar consigo mesmos (CURY, 2018a, p. 76).

Não vou tratar de apontar contradições, pelo contrário, o que vejo como necessário é como relacionar certas convivências discursivas. O autor muitas vezes nos diz claramente que o incentivo à competição não é algo benevolente à educação, entretanto, é bastante explícita a necessidade de comparações em seus textos. E isso pode ser notado mesmo em alguns títulos dos livros. Só poderemos ter professores fascinantes caso tenhamos, e temos, de acordo com o autor, professores que não são. Da mesma forma com os alunos fascinantes. Essas comparações, ao buscarem conduzir quem lê em direção ao sucesso para que sejamos professores fascinantes, não são uma forma de competição tanto com aqueles que não o são quanto com si mesmos? Novamente, não aponto essa questão como uma contradição, mas

como algo a ser pensado como parte dessa racionalidade neoliberal em que vivemos e estamos imersos, capturados pelo detalhe.

Ao compreendermos todos e cada um como empresários de si mesmo e como potencial e necessariamente em concorrência constante, a patologização funciona, também, como uma prática de reinserção da possibilidade de cada um no sistema de possibilidade de produzir e concorrer, retomar seu desempenho. Um imperativo de resiliência. Nessa racionalidade em que a superação tem cada vez mais força, é preciso, para lidar com um indisciplinado – que não é simplesmente mau, desordeiro, delinquente ou naturalmente preguiçoso, mas patológico por via da sociedade de excessos informacionais –, todo um instrumental que capacite os educadores para que sejam bons professores, resolvendo conflitos, não dando lição de moral e gerando "momentos educacionais". É preciso agir – como podemos perceber diversas vezes no que é dito – de modo inteligente. Modo inteligente esse que é possível relacionar, a partir das teorizações foucaultianas, com um modo econômico de pensar. Pois ser inteligente, nos exemplos de Cury, é sempre demonstrado como ter o melhor resultado com o menor esforço. Um pensamento eficaz e focado no desempenho.

Sigo agora com um excerto extenso, porém necessário, que bem exemplifica essa questão em forma de narrativa:

Certa vez, alguns alunos conversavam no fundo da sala. A professora de línguas pediu silêncio, mas eles continuaram. Ela foi mais enfática, chamou a atenção de um aluno que falava alto. Ele foi agressivo com ela. Gritou: “Você não manda em mim! Eu pago para você trabalhar!” O clima ficou tenso. Todos esperaram que a professora gritasse com o aluno, ou o expulsasse da classe. Em vez disso, ela ficou em silêncio, relaxou, diminuiu sua tensão e libertou sua imaginação. Em seguida, contou-lhes uma história que aparentemente não tinha nada a ver com o clima de agressividade. Contou a história das crianças e dos adolescentes judeus que foram presos nos campos de concentração nazista e perderam todos os seus direitos. Não podiam ir às escolas, brincar nas ruas, visitar os amigos, dormir numa cama quentinha e se alimentar com dignidade. O alimento era estragado, e eles dormiam como se fossem objetos amontoados num depósito. O que era pior, não podiam abraçar seus pais. O mundo desabou sobre eles. Eles choravam e ninguém os consolava. Tinham fome e ninguém os saciava. Gritavam pelos pais, mas ninguém os ouvia. Na frente deles apenas havia cães, guardas e cercas de arame farpado. A professora contou o que foi um dos maiores crimes já cometidos na nossa história. Roubaram os direitos humanos e a vida desses jovens. Mais de um milhão de crianças e adolescentes morreram. Depois de contar essa história, a professora não precisou falar muito. Olhou para a classe e disse: 'Vocês têm escola, amigos, professores que os amam, o carinho dos seus pais, um alimento gostoso na sua mesa, mas será que vocês os valorizam?' Ela resolveu conflitos em sala de aula levando-os a se colocar no lugar dos outros e a pensar na grandeza dos direitos humanos. Ela não precisou chamar a atenção do aluno que a ofendera. Sabia que não adiantaria corrigir seu comportamento, e queria levá-lo a ser um pensador. Ele ficou em completo silêncio. Voltou para casa e nunca mais foi o mesmo, pois compreendeu que tinha muitas coisas belas que não valorizava (CURY, 2018a, p. 77).

Não pretendo adentrar nas questões mais densas do conceito de aleturgia, mas me parece muito propício trazê-lo à tona, a partir de Antônio Moraes (2015), num excerto como este, que há um leque de procedimentos para a verdade na relação de autoridade estipulada pelo autor. Parece-me que aqui ele propõe uma solução para o indisciplinado a partir de uma aleturgia disciplinar. É no contar, no narrar, nesse ritual sobre a verdade não sobre si, como professora, mas um ritual da verdade sobre o outro, o indisciplinado diagnosticado, que atuaria uma forma de cura aletúrgica. Falar sobre a verdade do mundo, desconhecida pelo aluno, o subjetivaria de tal forma que fosse afetado, curado. Na última frase vemos toda a imponência de seu efeito: o aluno nunca mais foi o mesmo. Foi transformado, adaptado, normalizado.

Como não propus que o conceito-ferramenta fosse usado para dizer o que alguém é, mas sim para indicar como alguém é caracterizado, entendo que aqui posso dizer o seguinte: esses alunos que conversavam, que ofenderam a professora, que, dessa forma, não teriam futuro – pois ninguém assim teria sucesso de acordo com as competências que nos são pedidas –, nós poderíamos entendê-los, categorizá-los como indisciplinados. Mas a professora não o fez, propôs-se a contar uma história, tratá-los como não-disciplinados, categorizando-os como indivíduos que têm o que é necessário para serem aptos, mas ainda não foram modulados de forma adequada. Ou, neste caso, não perceberam que só depende deles para assim se tornarem. Cury segue ao pedir:

Por favor, não critiquem nem excluam seus filhos e alunos inquietos, agitados e irritadiços. Educadores brilhantes apostam tudo o que têm nos que pouco têm. Se usarmos as regras de ouro deste livro, é provável que as crianças que nos dão dores de cabeça atualmente nos darão mais alegrias amanhã. Mas, infelizmente, nossas empresas, escolas, famílias, estão doentes formando pessoas doentes para um sistema doente. Não dá para culpar os pais e professores por esse fenômeno, pois todos nós somos construtores e, ao mesmo tempo, vítimas esse sistema alucinante, onde somos vistos mais como um número de cartão de crédito do que como um ser humano completo e complexo (CURY, 2017, p. 15).

O fantasma do passado o perturbava, sem que ele o localizasse. Seu conflito passou a interferir em como ele via a vida e reagia aos eventos. Depois de muito esforço e disciplina, subiu de cargo, tornou-se gerente. Mas, em vez de ser afetivo, generoso, tolerante com quem errava ou tinha dificuldade, começou a reproduzir o comportamento de sua educadora com ele. Elevava o tom de voz, feria quem pensava diferente, fazia questão de mostrar que ele era a autoridade máxima. Não inspirava seus pares, eles o temiam. Era um escravo vivendo em sociedade livre! (CURY, 2017, p. 62).

O doente, em seu ápice, na ponta do degradê possível, é um indisciplinado sem cura. E não se pode culpar os pais e professores, mas sim a patologia social. Apesar disso, o próprio

sucesso ou fracasso, tanto em não chegar na ponta do degradê quanto em toda vida, cabe ao doente e às ferramentas que ele tem e é capaz de usar. É pela incorrigibilidade característica de seu Eu indisciplinado, que fará de sua estadia no espaço escolar um espaço de fracasso. Essa estadia de fracasso marcará o indisciplinado por toda a vida caso ele não se transforme, como bem assinala Cury no segundo excerto. O indisciplinado patológico poderá, por vezes, subir de cargo, tornar-se gerente, mas, caso não haja uma gestão adequada de sua psiquê, o modo como vê a vida permanecerá e o tornará um escravo em uma sociedade livre.

As escolas deveriam ensinar matérias sobre o funcionamento da mente e o autocontrole e não apenas as matérias clássicas. [...] devem deixar de ser racionalistas. Muitos adolescentes carregam o corpo, têm a mesma disposição de uma pessoa doente ou muito idosa. São vítimas da SCE e da SPA. Ir para a escola com déficit de energia lhes é frequentemente um martírio. Por isso, não se concentram, são inquietos, não conseguem ficar sentados, dormem em classe, têm conversas paralelas (CURY, 2017, p. 113).

Não é apenas preguiça, maldade, desordem, inquietude sem motivo ou falta de vontade de estudar, é algo no qual os alunos são vítimas e a escola precisa começar a olhar em direção ao funcionamento da mente para conseguir lidar com isso. Como poderíamos querer ensinar algo para alguém que se sente constantemente exausto?

Olhando para as proposições de resolução que o autor dispõe algo me soa com especial relevância: Cury não age – e poderia, como psiquiatra – em favor de uma medicalização ou discussões neurológicas. Assim como, ao se colocar o tempo todo na posição de psiquiatra, também poderia propor que se inserisse uma maior psicologização da educação, e aqui me refiro a uma forma explícita, como declarações de desvantagens dos professores em relação aos psicólogos e psiquiatras e como os professores para eles deveriam pedir ajuda em determinados temas, como muito já vi. Também não o faz. Trata-se de apontamentos diretos para as condutas no trato educacional: patologia social, cura educacional.

Para a análise que me proponho neste estudo, a próxima divisão argumentativa é a mais importante, pois é com estas lentes, ao menos de forma mais consistente, que se olhará no momento do exame e categorização do aluno. Se, ao chegarmos em uma escola nova, ou mesmo ao convivermos numa escola que trabalhamos há muitos anos, categorizamos – e não digo burocrática e explicitamente, mas no choque do contato, na visualidade do instante – o aluno de determinada forma, é porque temos um certo repertório. Tal como um músico precisa de noções mínimas em torno de um gênero para poder executá-lo quando requisitado,

um educador precisa de um repertório o mais preciso possível para que tenha com o que questionar a existência daquilo que é ou não educável.

Entretanto, Cury não nos dirá, certamente, que o indisciplinado é de tal ou tal maneira, ainda que em algumas vezes o faça. É preciso olhar nas minúcias, mas sem buscar o que supostamente está por trás do que é dito ou mesmo praticar uma hermenêutica da profundidade. Não é na interioridade do que é dito que encontramos as características, e sim na exterioridade e suas articulações que compreendemos a sustentação delas. Contudo, poderemos ver uma discursividade que produz um preenchimento do espaço em que o educador, ou o interessado que for em seus escritos, encontrará determinadas formas de compreender a categorização de indivíduos corrigíveis.

A juventude sempre foi uma fase de rebeldia às convenções dos adultos. Mas a atual geração produziu um feito único na História: matou a arte de pensar e a capacidade de contestação da juventude. Os jovens raramente contestam o comportamento dos adultos. Por que? Porque eles amam o veneno que produzimos. Eles amam o sucesso rápido, o prazer imediato, os holofotes da mídia, ainda que vivam no anonimato. O excesso de estímulo gerou uma emoção flutuante, sem capacidade contemplativa. Até seus modelos de vida têm de ter um sucesso explosivo. Querem ser personagens como artistas ou esportistas que, do dia para a noite, conquistam fama e aplausos (CURY, 2018a, p. 36-37).

A SPA dos alunos faz com que as teorias educacionais e psicológicas do passado quase não funcionem, porque, enquanto os professores falam, os alunos estão agitados, inquietos, sem concentração e, ainda por cima, viajando nos seus pensamentos. **Os professores estão presentes na sala de aula e os alunos estão em outro mundo** (CURY, 2018a, p. 60, grifo do autor).

Penso ser necessário erguer alguns questionamentos em torno desses excertos: de onde procedem essas informações que ele afirma? Com base em quê são feitas essas construções de ideias? De que modo posso melhor compreender como Cury chegou até essas afirmações? Sei que não haverá respostas, afinal é muito mais uma exposição de questionamentos meus, como parte do percurso de investigação, do que qualquer outra coisa, e eu as trago como indagações para quem estiver lendo. Paralelo a isso, preciso lançar a seguinte questão que, evidentemente, não foi vista pelo autor nessa obra que é de 2003: movimentos sociais como as ocupações das escolas, em 2016, que partiram de alunos, não vão contra suas afirmações? Aliás, é importante observar que a generalização da juventude como se fosse um movimento único e contínuo é sempre algo delicado e reducionista.

Os próximos excertos são mais uma vez um tanto extensos, mas funcionam bem para mostrar a construção de enunciações do autor acerca do que proponho como nexos das características:

Havia um aluno muito agressivo e inquieto. Ele perturbava a classe e arrumava frequentes confusões. Era insolente, desacatava a todos. Repetia os mesmos erros com frequência. Parecia incorrigível. Os professores não o suportavam. Cogitaram expulsá-lo. Antes da expulsão, entrou em cena um professor que resolveu investir no aluno. Todos acharam que era perda de tempo. Mesmo não tendo apoio dos colegas, ele começou a conversar com o jovem nos intervalos. No começo havia um monólogo, só o professor falava. Aos poucos, ele começou a envolver o aluno, a brincar e a levá-lo para tomar sorvete. Professor e aluno construíram uma ponte entre seus mundos. Você já construiu alguma vez uma ponte como esta com as pessoas difíceis? O professor descobriu que o pai do rapaz era alcoólatra e espancava tanto ele como a mãe. Compreendeu que o jovem, aparentemente insensível, já tinha chorado muito, e agora suas lágrimas estavam secas. Entendeu que sua agressividade era uma reação desesperada de quem estava pedindo ajuda. Só que ninguém decifrava sua linguagem. Seus gritos eram surdos. Era muito mais fácil julgá-lo. A dor da mãe e a violência do pai produziram zonas de conflitos na memória do rapaz. Sua agressividade era um eco da agressividade que recebia. Ele não era réu, era vítima. Seu mundo emocional não tinha cores. Não lhe deram o direito de brincar, sorrir e ver a vida com confiança. Agora, estava perdendo o direito de estudar, de ter a única chance de ser um grande homem. Estava para ser expulso. Ao tomar conhecimento da situação, o professor começou a conquistá-lo. O jovem sentiu-se querido, apoiado e valorizado. O professor começou a educar-lhe a emoção. Ele percebeu, logo nos primeiros dias, que **por trás de cada aluno arredoio, de cada jovem agressivo, há uma criança que precisa de afeto**. Não demorou muitas semanas para todos estarem espantados com a sua mudança. O rapaz revoltado começou a respeitar. O garoto agressivo começou a ser afetivo. Ele cresceu e se tornou um adulto extraordinário. E tudo isso porque alguém não desistiu dele (CURY, 2018a, p. 96-97, grifo do autor).

Quando era criança, J.C. não conseguia se aquietar na carteira. Era agitado, tenso, repetia os erros, tumultuava a classe. Nada o tranquilizava, nem as broncas dos adultos. Ele não era assim porque queria. Tinha uma necessidade vital de perturbar o ambiente para aliviar a sua ansiedade. Concentração? Era um artigo raro. Só se concentrava naquilo que lhe interessava muito. Mas, como era um garoto esperto, o pouco que se concentrava na aula era suficiente para fazê-lo ter boas notas. Com o passar do tempo, ele aprendeu a administrar a sua ansiedade e a ter projetos de vida estáveis. Ele contou com a ajuda de professores que fizeram algumas técnicas que comentarei a seguir. Tornou-se um profissional competente. Como todo hiperativo, tem um pensamento acelerado. Mas sabe o que o ajudou a ser estável: foi a música clássica. Desde a sua infância sua mãe o levou a apreciá-la. A música clássica desacelerava seus pensamentos e estabilizava a sua emoção. Exemplos como o de J. C. me ajudaram a compreender o valor da música para modular o ritmo do pensamento (CURY, 2018a, p. 121).

Algumas características são cruciais para o que estou apontando. Quando Cury expõe o aluno como agressivo e insuportável aos professores, eu tenho certeza de que quem lê lembrará de alguma situação similar, mesmo que não ocorrida consigo, ao menos sobre a qual tenha ouvido falar. Decifrar a linguagem e compreender a biografia do aluno são elementos de uma atitude docente que é bem menos "natural" do que talvez possa parecer, mesmo que o autor assim a exponha. Quero dizer, tal qual nos dispõe Foucault (2014) ao operar com a argumentação de um deslocamento de crime/castigo bastante espetacularizado, para um conhecimento sobre as características do criminoso. Que tem em si as características de um risco para a população – e na escola isso surge sem dúvida de uma forma muito distinta da prisão –, podemos compreender que há, também na Educação, um deslocamento de um

disciplinamento bastante objetivo para algo mais móvel e também articulado ao risco e à noção de segurança. É nesse indivíduo que ocorre o caso de um pai alcólatra, um caso específico e que precisa ter seus direitos compreendidos, sua agressividade compreendida e, ao educar-lhe a emoção, assim transformá-lo.

Em ambos os casos, vemos o problema da desordem sendo exposta, algo tão crucial a um indisciplinado de discurso pedagógico, mas entendo que não é essa a tônica aqui, mesmo que presente. É na dificuldade de conduzir-se, no risco de fracasso consigo mesmo que reside o acento da argumentação. No segundo excerto, podemos ver as características de uma indisciplina perturbadora, mas que é justificada por uma concentração que não está presente. Não se encontrava muito essa atenção, apenas no que lhe interessava muito. Ora, por que afinal? Porque o mundo em que vivia lhe dispunha informações em excesso, sua mente inflava de ansiedade por tudo que impunham. Um pensamento acelerado assim era a causa. Mas era em suas emoções que residia um lugar em que pouco a escola conseguia atuar e foi nela que as prescrições do autor agiram: dessas, uma ferramenta que Cury nos mostra como importantíssima, a música "clássica". Um tipo de música que, mesmo sem o autor apresentar motivos ou pesquisas que nos façam entender como isso ocorre, afirma ele, atua como um desacelerador de pensamentos.

Para os adultos já é difícil suportar a fadiga, a ansiedade e a inquietação da SPA. Agora, imagina para crianças e jovens obrigados a ficar sentados, inertes, e, ainda por cima, tendo como paisagem à sua frente a nuca dos seus colegas de classe? Para não explodir de ansiedade, eles tumultuarão o ambiente, terão conversas paralelas, mexerão com seus amigos. É uma questão de sobrevivência (CURY, 2018a, p. 124).

A mente dos alunos não parava de acessar as informações desses arquivos, como um computador que não parava de operar, gerando uma produção intensa de pensamentos sobre atividades, preocupações, coisas do amanhã. Desenvolviam vários sintomas. Tranquilidade nem para remédio. Paciência evaporou-se. Além de ansiosos, são irritados, possuem uma emoção flutuante, num momento estão alegres, noutro, explosivos. Não se concentram, não se interiorizam e ainda por cima detestam a rotina, por isso não se cansam de dizer: 'não tem nada para fazer nesta casa!' (CURY, 2015, p. 91).

É uma questão absolutamente aguda, uma "questão de sobrevivência". O tumulto anunciado não pode ser encarado como algo distinto do esperado, afinal, a patologia social que é encontrada nos alunos é produzida por todos nós. Mas cada um deve lidar e aprender a lidar com ela. Assim, como ressaltado no segundo excerto, cada um dos indivíduos tem vários sintomas de excesso de atividade cerebral sendo apresentados o tempo todo, uma intensa atividade, tal qual um computador. Ansiedade, irritação e emoções flutuantes não passam, na

discursividade que o autor faz circular, de uma expressão dessa categoria que elaboro aqui como indisciplinado patológico: precisaríamos, então, entendê-las de acordo com os manuais que o autor dispõe para que consigamos lidar até mesmo com o tédio dos alunos.

Crianças muito bem-comportadas e superobedientes devem chamar nossa atenção. Se forem alegres, sociáveis, criativas, não devemos nos preocupar, mas se viverem isoladas, cabisbaixas, superapegadas aos seus pais, pode ser um sinal de depressão, abuso sexual, *bullying* crônico, estado fóbico ou timidez volumosa (CURY, 2017, p. 77, grifo do autor).

Muitos adolescentes simplesmente arrastam seus corpos, com a mesma disposição de uma pessoa doente ou muito idosa, e são vítimas da SCE e da SPA. Ir à escola com déficit de energia é para eles um frequente martírio. Por isso, não se concentram, são inquietos, não conseguem ficar sentados, dormem na sala de aula e têm conversas paralelas (CURY, 2018b, p. 69).

Podemos perceber mais claramente que simplesmente manter a ordem ao ser bem-comportado não é suficiente, tal como se poderia entender em outra época ou supor em excertos anteriores. Se sua conduta emocional for preocupante, esse pode ser um sinal de alerta. Já no segundo excerto, a questão retorna à ênfase a um cansaço proveniente de uma exaustão mental provocada pelo excesso de informações e que é comparado a uma pessoa doente fisicamente ou muito idosa. Com essas condições tão fatigantes, o estudo numa escola é visto pelo autor como um martírio e, portanto, um educador dentro dessas condições deve saber lidar com isso e ser compreensivo com características inerentes ao indivíduo indisciplinado patológico.

Por fim, como último excerto, uma enunciação que entendo como um bom exemplo da noção de risco, ao olhar para o gradiente aceitável ou não das características apresentadas, a questão está nos extremos, no inaceitável:

Na sua infância, você também não gostava dos limites que lhe impunham, você também protestava, ainda que silenciosamente. Não tenha medo dos protestos de seus filhos, lembre-se sempre de que eles são saudáveis. O problema real está nos excessos, quando temperados com muita agressividade (CURY, 2018b, p. 102).

Cury parte de uma afirmação com alcance genérico para, com ela, fazer uma recomendação mais pessoalizada. As duas últimas frases do excerto funcionam como um anúncio em favor de uma noção precisa de segurança. Não se deve ter receio, mas sim precaução, agir como um gestor em uma prevenção dos excessos que devem ser frequentemente constatados. Há, como percebo, na minúcia do que é dito, uma visível linha entre o que é suportável e o que não é. Não há um objetivo permitido contra um proibido, mas

o que é suportável e o que não é. Apenas o excessivamente destoante deve ser visto e categorizado como algo que é um "problema real". Para isso, é preciso estar atento a cada indivíduo, esquadrinhá-lo, examiná-lo e buscar nas características visíveis as práticas de gestão e resolução com melhor desempenho de normalização.

Considerações finais

Me atentando ao que Foucault (1995) chamou de práticas divisoras, em que se divide tanto por seu interior quanto em relação aos outros, focalizei como se produz as relações saber-poder atuais de divisão dos alunos indisciplinados na escola a partir de obras de autoajuda voltadas à Educação. Com isso, penso poder contribuir com alguns elementos para entendermos não o que é ou como é dito quem é mesmo o indisciplinado hoje, e sim uma das tantas formas múltiplas de categorizar um indivíduo como indisciplinado e que, muitas vezes, falar de indisciplinada é um ato de esquadrinhamento guarda-chuva para que se possa falar de maneira desmedida e reducionista de uma gama de elementos característicos bastante complexos em via tanto de naturalização quanto por como já é naturalizado. Relevante enfatizar: analisar discursos a partir dessa perspectiva é ter em mente que encontrar elementos que aqui aparecem analisados em enunciações de quem não teve contato com o autor analisado é o que nos conduz a perceber os atravessamentos discursivos. As redes de discursos que nos penetram, que nos interpelam, são parte crucial da atenção às recorrências e dispersões que Foucault tanto nos deixou dito.

O indisciplinado patológico que pude elaborar a partir das análises é sustentado por uma gama de discursos que vem se expandindo em especial maneira nas últimas décadas. Saberes médicos invadem cada vez mais barreiras enunciativas até então não penetradas. Políticos são proclamados como sendo psicopatas, intolerantes são loucos, doenças são exclamadas ao vento com um teor explicativo das ações cotidianas. Não, não estou dizendo que o que surgiu dessa análise trata-se de uma banalização de saberes, e sim que, imersos em uma proliferação discursiva acerca de patologias e saberes especializados das condutas humanas, se tem contato com as enunciações de Augusto Cury com menor resistência.

Deste modo, os educadores, pais e professores como diz o Cury, ao buscar modos de lidar com as complexidades crescentes do mundo atual aliam-se a uma forma de compreender o indivíduo a ser corrigido a partir de características de distúrbios da mente e das condutas,

Síndrome do Pensamento Acelerado, excesso de cansaço, irritabilidade, ansiedade, fadiga e informações além da capacidade de processamento cerebral causadas por uma sociedade patologizante. A solução atrelada a essa rede discursiva? Ações educativas que ensinem cada um a cuidar de si mesmos, uma individualização e divisão de si e do fora. Uma necessidade de gestão de si mesmo com ferramentas adequadas, os educadores precisam, então, estar atentos ao olhar que examina, percebe e dispõe as ferramentas corretas para a autogestão da mente e das emoções. Nos atentarmos para de que modo essa discursividade vem produzindo uma categorização específica junto a problemas e soluções é também desnaturalizar o nosso convívio com o que permeia discussões das mais rotineiras. Nos atentarmos para de que modo essa discursividade vem sendo produzida é também nos colocar a questionar que efeitos tem essas soluções e caracterizações analisadas, bem como pensar sobre que subjetivação é encadeada nessa maquinaria de práticas escolares tendo essas discursividades em seu funcionamento. Se posso afirmar que como compreendemos um problema modifica a maneira que lidamos com ele, posso também afirmar que o que pretendo com este texto é dispor elementos para que pensemos como esse problema vem sendo colocado e, assim, termos mais condições para estranhar e repensar enunciações que vem cada dia mais adentrando aos saberes escolares.

Referências

AQUINO, Julio Groppa. A indisciplina e a escola atual. **Revista da Faculdade de Educação**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 181-204, jul.-dez. 1998. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rfe/article/view/59634>>. Acesso em: 10 jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/rfe.v24i2.59634>

AQUINO, Julio Groppa. Da (contra)normatividade do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 41, n. 143, p. 456-484, maio-ago. 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cp/a/HMV47d5Wj5mWSt4P73jR7hj/?lang=pt>>. Acesso em: 10 jun. 2021. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742011000200007>

AQUINO, Julio Groppa. Indisciplina escolar: um itinerário de um tema/problema de pesquisa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 46, n. 161, p. 664-692, jul.-set. 2016. Disponível em: <<http://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/3670>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ARNOSTI, Rebeca Possobon; NETO, Samuel de Souza; BENITES, Larissa Cerignoni. A socialização profissional do professor e a escolar: em questão, a influência da Literatura de Autoajuda no trabalho docente. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 46, p. 404-443, 2019. Disponível em:

<<http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/2998/47966336>>. Acesso em: 10 jun. 2021.

CHAMAYOU, Grégoire. **A sociedade ingovernável: uma genealogia do liberalismo autoritário**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

CURY, Augusto. Sítio oficial. Disponível em: <<http://www.augustocury.com.br/>>. Acesso em: 10 jun. 2019.

CURY, Augusto. **Filhos brilhantes, alunos fascinantes**. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2015.

CURY, Augusto. **20 regras de ouro para educar filhos e alunos: como formar mentes brilhantes na era da ansiedade**. São Paulo: Planeta, 2017.

CURY, Augusto. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2018a.

CURY, Augusto. **Socorro, meu filho não tem limites! Manual prático para educar filhos ansiosos, mas muito inteligentes**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018b.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: Aula Inaugural no Collège de France, Pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 3 ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**. São Paulo: Martins Fontes, 2008b.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 9 ed. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e Educação. In: SILVA, T. T. da (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LOPES, Carine Winck. **Práticas de leitura de professoras na contemporaneidade & Literatura de autoajuda**. 2012. 178f. Dissertação (Dissertação em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

LOPES, Carine Winck. **Presença do gênero autoajuda na formação de professores: práticas de leitura de estudantes em cursos de Pedagogia**. 2016. 197f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande

do Sul, Porto Alegre, 2016.

MACHADO, Dimitrius Gonçalves. **A categorização do indisciplinado na escola atual**: uma análise a partir do transbordamento da literatura de autoajuda na Educação. 2020. 192f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

MARÍN-DÍAZ, Dora Lilia. **Autoajuda e Educação**: uma genealogia das antropotécnicas contemporâneas. 212. 491f. Tese (Tese em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

MILLER, Peter; ROSE, Nikolas. **Governando o presente**: gerenciamento da vida econômica, social e pessoal. São Paulo: Paulus, 2012.

MORAES, Antônio Luiz de. **Governamentalidade e autoridade na Educação**: a conduta ética como ação política em Foucault. 2015. 154f. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

POPKEWITZ, Thomas S. História do Currículo, Regulação Social e Poder. In: SILVA, T. T. da (Org.). **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VARELA, Júlia; ALVAREZ-URIA, Fernando. A maquinaria escolar. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 6, p. 68-96, 1992.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. In: COSTA, M. V. (Org.). **Estudos culturais em educação**: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

VEIGA-NETO, Alfredo. **Foucault & a Educação**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2016.

Recebido em: 2 de julho de 2021

Aceito em: 29 de outubro de 2021